

A ESPECIFICIDADE DO ATO DE LER E A MEDIAÇÃO LEITORA EM TEMPOS DE CIBERCULTURA

Keila de Quadros Schermack
Universidade de Passo Fundo/UPF
keila.quadros@terra.com.br
Mestrado em Letras

RESUMO: Partindo do pressuposto de que a emergência do ciberespaço trouxe uma relação totalmente nova com o saber, pois a internet marca presença em todas as áreas do conhecimento constituindo-se como uma ferramenta essencial, tanto no processo de comunicação, quanto na formação de leitores, este estudo abordará a especificidade do ato de ler em tempos de cibercultura, com o objetivo de evidenciar que a era digital traz um modo inteiramente novo de ler, distinto do leitor contemplativo da linguagem impressa. Para isso, temos como fundamentação teórica os estudos desenvolvidos por Bakhtin (1988/2003) Lévy (2000), Nora (1997), Ramal (2002) e Santaella (2004), com apoio em Rosing (2010), Rettenmaier (2010), Weschenfelder (2009) e Gomes (2011). Os mediadores de leitura precisam levar em conta o perfil cognitivo do leitor virtual ao organizar as atividades em prol da formação de leitores, valorizando a inteligência da coletividade e as diversas “vozes” presentes nos discursos.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura; hipertexto; mediação de leitura; formação do leitor.

INTRODUÇÃO

Enquanto nas sociedades primárias os saberes da humanidade eram transmitidos através da oralidade, a era digital impõe novas formas de acesso ao conhecimento para além da palavra dita e escrita. Após momentos históricos, nos quais a oralidade e, posteriormente a escrita configuravam as bases do ensino, instaurou-se a comunicação informatizada, a qual gera alterações nas formas de emissão e recepção do conhecimento. Hoje, temos leitores conectados a uma *rede*, dividindo conhecimentos atrelados a um mesmo hipertexto, “como o próprio nome diz, é algo que está numa posição superior à do texto, que vai além dele” (RAMAL, 2002, p. 84). Dentro do hipertexto, os atores da comunicação encontram-se numa relação totalmente nova com os conceitos de tempo, espaço e contexto das mensagens. Conhecemos outro espaço de leitura e escrita e um novo modo de lidar com as letras, característico de um momento denominado *cibercultura*, definido por Lévy (2000) como: “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, no qual múltiplos sentidos são construídos.

A leitura encontra-se atrelada a evolução tecnológica, pois a internet marca presença em todas as áreas do conhecimento, constituindo-se como uma ferramenta essencial, tanto no processo de comunicação, quanto na formação de leitores. Vive-se, assim, um cotidiano tecnológico repleto de imagens eletrônicas e virtualidades. Pertencemos ao que Levy (2000) chama de *terceiro pólo do espírito humano*: o pólo informático-midiático. Conforme Rettenmaier e Rosing (2010), a literatura mergulhou nas águas profundas do segundo dilúvio, “aquele que jamais cessará” (LÉVY, 2000): “E, em dado momento, no segundo dilúvio, mergulhou nas águas infinitas da internet, deixando-se

contemplar, das arcas, nas faces das ondas. A literatura ganhou novo corpo, como de sereia...” (RETTENMAIER; RÖSING, 2010, p. 08). Percebemos mudanças significativas nas obras e produções literárias da atualidade, pois entramos em contato com construções artísticas e literárias ainda mais livres, onde as noções de homogeneidade e linearidade, possibilitada pela cultura letrada, que repousavam sobre as narrativas clássicas, cedem espaço a heterogeneidade discursiva e ausência de linearidade nos textos.

O hipertexto, como nova forma de leitura e escrita da sociedade informático-midiática, evidencia que os mediadores de leitura precisam levar em conta os novos atores da comunicação ao organizar as atividades em prol da formação de leitores, valorizando a inteligência da coletividade, as diversas “vozes” presentes nos discursos, a interdisciplinaridade e a intertextualidade estabelecida entre os textos e os possíveis leitores. Nesse sentido, a formação de leitores literários não está desvinculada dos suportes midiáticos e das diferentes linguagens, pois, pressupõe também, o ato de estimular o gosto pela leitura unindo a literatura e os novos suportes tecnológicos.

Com vistas a refletir sobre a formação de leitores na era digital, essa pesquisa abordará a especificidade do ato de ler em tempos de cibercultura, com o objetivo de evidenciar que a era digital traz um modo inteiramente novo de ler, distinto do leitor contemplativo da linguagem impressa. Para isso, partiremos das seguintes questões norteadoras: Os jovens habituados a navegar na internet desde a infância correm o risco de perder a capacidade de ler? Qual é o perfil cognitivo do leitor da era digital? Em tempos de cibercultura, qual é o papel do mediador de leitura? Assim, abordaremos aspectos relevantes acerca do perfil cognitivo do leitor virtual, a sua relação constante com o hipertexto e o papel do mediador de leitura, que estarão distribuídos em três seções respectivamente. Na primeira seção, intitulada *O hipertexto e o leitor virtual: um novo modo de ler*, abordaremos as características do leitor imersivo e a especificidade do ato de ler. A segunda seção, terá como foco principal *A formação de leitores no século XXI: a mediação leitora e as novas perspectivas de aprendizagem*, na qual daremos ênfase ao papel do mediador de leitura na era digital. Posteriormente, em *Proposta de produção de hipertexto no cotidiano escolar*, apresentaremos uma sugestão de atividade a ser aplicada no ensino fundamental ou médio. Após, explicitaremos a *Metodologia*, como fator primordial a orientação e organização da pesquisa. Finalizaremos o trabalho com os *Resultados e discussões, Considerações finais e Referências*.

1. O HIPERTEXTO E O LEITOR VIRTUAL: UM NOVO MODO DE LER

Na obra *Cibercultura*, Lévy (2000) evidencia que a emergência do ciberespaço trouxe uma relação totalmente nova com o saber, pois a partir do século XX, o conhecimento deixou de ser totalizável, adicionável para se tornar fruto de um empreendimento coletivo. Nesse sentido, as ideias do autor corroboram com a perspectiva bakhtiniana. Em *Estética da criação verbal*, quando se contrapõe à visão estruturalista de Saussure (2003) acerca da linguagem, Bakhtin (2003, p. 319) propõe a metáfora de uma cadeia: “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores)”. Mas dentro dessas “fronteiras”, o enunciado reflete tanto o processo verbal quanto os enunciados dos outros nas áreas da comunicação cultural. Embora Bakhtin (2000) não use o termo, está falando de uma *rede*. A

concepção de sujeito coletivo está atrelada a essa *rede* de novas informações que caracterizam a *cibercultura* e nos conduzem a um único hipertexto¹, compartilhado pelos parceiros da comunicação através de relações intersubjetivas.

Nora (1997), em *La conquista del ciberespacio*, levanta diversas questões sobre a nova civilização que as tecnologias digitais estão abarcando. Dentre esses questionamentos, o que nos chamou a atenção foi aquele relativo à possibilidade da perda da capacidade de ler dos jovens em contato com o ciberespaço desde a infância:

A aprendizagem em um mundo de navegação, de *zapping*, de instantaneidade e de realidade virtual não apresenta o perigo de criar seres incapazes de ler textos na sua integridade- de modo definitivo, de ler-indivíduos demasiadamente voltados para a ação, em detrimento da reflexão e do esforço duradouro? Ou então sonhadores, mitômanos e zumbis, sem discernir a diferença entre o universo da fantasia e o mundo real?

Para responder essa questão, o autor explica que a geração multimídia não terá as mesmas referências culturais, nem as mesmas aptidões da geração precedente. As novas relações com o saber, instauradas no terceiro pólo do espírito humano-o pólo informático midiático (LÉVY, 2000), trouxeram ao cenário educacional e social um leitor totalmente diferente daquele contemplativo da linguagem impressa. Este leitor contemporâneo que usa a tela do computador como suporte é livre porque pode traçar os rumos da própria leitura e participar da confecção de um texto.

Assim, esse leitor implodido pela linguagem hipermidiática abandonou a cultura baseada na leitura linear de sequências fixas. Luccio e Costa afirmam que (2007, p. 98), “a leitura do texto eletrônico - o hipertexto - coloca o leitor contemporâneo diante de uma textualidade móvel e infinita que lhe permite fazer ajustes textuais singulares. É uma textualidade que nos remete ao mundo das navegações”. Ao contrário dos textos tecidos linearmente, o hipertexto é um convite à reconstrução. Sua indefinição no que tange aos aspectos formais, sua fluidez, dinamicidade e leveza, faz do hipertexto um espaço de leitura semelhante à própria mente humana, que também constrói, constantemente, novos *links* e sentidos das mensagens.

Essas discussões nos direcionam ao seguinte questionamento: Qual é o perfil do leitor em tempos de cibercultura²? Santaella (2007, p. 33) descreve o perfil cognitivo do leitor imersivo³ (virtual) destacando que a era digital traz um modo inteiramente novo de ler, distinto do leitor contemplativo da linguagem impressa: “Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode contar uma outra grande rede numa outra dimensão”. A grande marca do leitor imersivo

¹ Hoje, se entende por hipertexto a apresentação de informações através de uma rede de nós interconectados por *links* que pode ser navegada livremente pelo leitor de um modo não linear (RAMAL, 2002, p. 87).

² Como explica Lévy (2000), cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

³ Santaella (2004), em seus estudos, definiu três níveis distintos do perfil cognitivo dos internautas ou leitores imersivos: o errante, o detetive e o previdente. Nessa pesquisa, essa distinção não foi realizada, pois tratamos de um leitor virtual que apresenta as características dos três níveis de leitores enfatizadas pela autora.

está na interatividade. Esse novo tipo de leitor não contempla mais as sequências fixas de um texto, virando páginas e percorrendo lentamente uma biblioteca, estamos diante de um leitor atento, em estado de prontidão em frente à tela, conectando-se entre links multilineares e labirínticos, que eles próprios ajudam a construir ao interagir com as palavras em um mesmo hipertexto.

Em suas pesquisas, Santaella (2007) partiu da hipótese de que a navegação interativa pelo ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental. Nas palavras de Rettenmaier (2009, p. 75), “a tecnologia alterou a nossa mente, e o saber, agora, encontra-se em dependência do que está por ‘fora’ do sujeito, mas que pode ser por ele redefinido quando relacionado a outros saberes...”. Assim, a aprendizagem em um mundo de navegações, marcada pela instantaneidade e realidade virtual, resignifica o âmbito educacional e o papel do mediador de leitura, pois a geração multimídia não terá as mesmas características cognitivas das gerações anteriores.

O funcionamento do hipertexto põe em ação, por meio de conexões, uma dinamicidade de leitura. Estamos diante de textos constituídos em blocos não lineares, conectados entre si, compostos por uma escrita dinâmica, com várias entradas que parecem um labirinto. Com isso, cria-se no novo modo de ler. De acordo com Santaella (2004, p. 175), “a leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo...”. É, pois, uma leitura, cujo sentido vai se constituindo na medida em que o leitor faz suas associações entre os *nexos* e *links*. Dessa forma, o leitor torna-se um co-autor na produção de sentidos do texto, pois participa ativamente desse processo.

O desafio enfrentado pelos leitores, no sentido de se orientar no interior desse mapa midiático, dotado de diversos signos a serem decifrados, feitos de interligações labirínticas, assemelha-se a ler um mapa, no qual o leitor desconhece a localização que ele próprio ocupa nesse espaço digital. É nesse sentido que atribuímos destaque aos mediadores de leitura. Não podemos menosprezar o fato de os jovens estarem conectados a internet realizando vários tipos de leituras a luz da tela do computador. Por isso, cabe a nós mediadores de leitura, possibilitar experiências de aprendizagem que levem em conta esse leitor virtual, a fim de fornecer a ele as mais variadas e diferentes linguagens.

2. A FORMAÇÃO DE LEITORES NO SÉCULO XXI: A MEDIAÇÃO LEITORA E AS NOVAS PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM

Uma das frases mais pronunciadas em encontros pedagógicos destinados a discussões acerca do ensino/aprendizagem é a conhecida afirmativa de que os jovens não leem, e quando têm contato com a leitura apresentam sérias dificuldades de compreensão leitora. Por isso, a instalação de uma prática pedagógica da leitura de textos literários que desenvolva a busca do autoconhecimento e a autonomia do leitor é necessária. Na perspectiva da educadora Ramal (2002, p. 13),

As mudanças que ocorrem na organização e na produção dos conhecimentos desenham a base de um novo estilo de sociedade, na qual a inteligência passa a ser compreendida como o fruto de agenciamentos coletivos que envolvem pessoas e dispositivos tecnológicos. Mudando as estruturas da nossa subjetividade, mudam também as formas de construção do conhecimento e os processos de ensino e aprendizagem.

Hoje, porém, mudando as formas de construção do saber, recebemos na sala se aula crianças que têm acesso aos computadores e a linguagem hipertextual antes mesmo de se alfabetizarem, ou pelo menos participaram do ambiente informático-midiático. Isso revela um dado importante: o âmbito educacional, visando à formação de leitores literários, necessita de aprimoramentos, que levem em conta as novas formas de construção do conhecimento, valorizando a inteligência coletiva. “É preciso compreender que a era digital obrigará tanto seus detratores quanto seus apologistas a encontrar novas ferramentas conceituais se não querem terminar relegados aos museus paleolíticos do século XXI” (SANTAELLA, 2004, p. 174). Nesse sentido, Weschenfelder (2003, p. 31) corrobora com Santaella (2004) ao ressaltar que apesar da reconhecida importância dos livros impressos, da escola e do professor no processo de construção da identidade dos povos e da difusão do conhecimento, no início do Terceiro Milênio, tais instituições correm o risco de se tornarem obsoletas, caso não adotem práticas leitoras que contemplem a tecnologia contida no hipertexto do terceiro pólo do espírito humano: a cibercultura.

Ramal (2002) propõe um perfil de professor que atue como arquiteto cognitivo⁴ e como dinamizador da inteligência coletiva. Para desenvolver esse novo conceito de professor, aqui, trataremos do profissional de educação como mediador de leitura. Assim, estamos falando de um professor nos moldes das pesquisas realizadas por Ramal (2002, p. 199), ou seja, um profissional capaz de traçar estratégias e mapas de navegação que permitam ao aluno empreender, de forma autônoma e integrada, os próprios caminhos de construção do (hiper) conhecimento em rede, assumindo, para isso, uma postura consciente de reflexão-na-ação e *fazendo um uso crítico das tecnologias como novos ambientes de aprendizagem*.

Os mediadores de leitura precisam levar em conta os novos atores da comunicação ao organizar as atividades em prol da formação de leitores, valorizando a inteligência da coletividade, as diversas “vozes” presentes nos discursos, a interdisciplinaridade e a intertextualidade estabelecida entre os textos e os possíveis leitores. Para isso, promover a leitura e a escrita pressupõe também o ato de ensinar a ler e a escrever unindo a leitura literária e os novos suportes tecnológicos.

De acordo com Rosing (1999, p. 166),

Formar leitores de textos literários no contexto da era da imagem e da era da sofisticação tecnológica implica estar aberto à vinculação desses textos a diferentes suportes, utilizando-se linguagens de natureza variada. Abre-se um espaço para que formemos leitores mais críticos, capazes de interagir com essa pluralidade, sem que a literatura em sua forma tradicional de apresentação seja desprestigiada: o livro (ROSING, 1999, p. 166).

⁴ O arquiteto cognitivo se refere à rede do hipertexto mental que procura ser potencializado em cada estudante.

A presença dos textos literários em diferentes suportes que abrangem desde o livro impresso ao CD-ROM⁵, e agora, configuram a linguagem hipertextual, implica a adoção de diferentes perspectivas de aprendizagem, que contemplem o novo perfil cognitivo do leitor. Isso não significa o “desprestígio” do livro em sua materialidade, e sim, o ato de resignificar a mediação de leitura literária através do uso das ferramentas da informática em rede. Dessa forma, estaremos propondo uma reformulação teórica que considere o aluno como um sujeito situado num sistema que abarca a coletividade, no qual a sua atuação permite o desenvolvimento tanto do seu conhecimento quanto dos demais componentes da rede hipertextual.

Sabemos que os jovens conectados a internet não pertencem mais ao mundo de transmissão de conhecimentos e sim, a um espaço envolvido pela interatividade digital. É com esse objetivo de formar leitores do século XXI, que os mediadores de leitura, juntamente com a escola, precisam proporcionar uma nova sala de aula aos aprendizes.

3. PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE HIPERTEXTO NO COTIDIANO ESCOLAR

Essa seção tem como objetivo apresentar uma proposta de produção de hipertexto, na perspectiva de Gomes (2011), adaptada a partir da obra *Hipertexto no cotidiano escolar*. A atividade pode ser aplicada tanto no ensino fundamental final quanto no ensino médio⁶.

3.1 PROPOSTA DE ATIVIDADE

A partir da crônica “O crachá”, de Araújo (2010), o aluno poderá criar um glossário de campos semânticos sobre alguns termos do texto. O objetivo dessa proposta é desenvolver estratégias de estudo e aprendizagem de vocabulário e das relações de sentido das palavras no texto⁷. Durante a leitura do hipertexto elaborado pelo professor, o aluno clica nos links e observa como as palavras se relacionam e organizam os significados do texto. A partir daí, o aluno decide quais outras palavras fazem parte daquele mesmo campo semântico e as inserem no hipertexto inicial do professor.

Primeiramente, o professor precisa criar (no DESKTOP) uma *pasta* com o tema da aula, no caso desse exemplo, ela poderia se chamar “Araújo”. Nessa pasta o professor “*salva*” o texto a ser trabalhado: “O crachá”. Em seguida, cria uma pasta com o nome “*Glossário.doc*”. Ela servirá de exemplo de campo semântico a ser consultado (e depois complementado pelos alunos). Para criar o glossário, o professor deve abrir um novo documento na pasta “Araújo”. Depois, clicar em “*inserir*”, na aba superior do Word, a seguir, em “*SmartArt*” e escolher o modelo que preferir, a partir do item

⁵ Rosing (1999) destaca que na apresentação de texto em CD-ROM, por exemplo, a imaginação é substituída pela visibilidade do texto, acompanhada da rapidez com que as mutações ocorrem na tela e da multiplicidade de possibilidades de encaminhamento de leitura.

⁶ Definir o gênero textual de acordo com as particularidades de cada turma. Pode ser: crônica, conto, romance, editorial, notícia, ou outros gêneros discursivos.

⁷ Essas relações de sentido podem ser enfatizadas através da exploração do contexto histórico no qual aparece determinado lexema. Por exemplo: Com a frase “No século XVIII”, seria importante destacar um fato histórico importante ocorrido nessa época, e, posteriormente, acrescentar no diagrama.

“*tudo*”, na coluna de opções. Basta, agora, escolher a célula em que deseja inserir a palavra, conforme mostra a figura 1, abaixo:

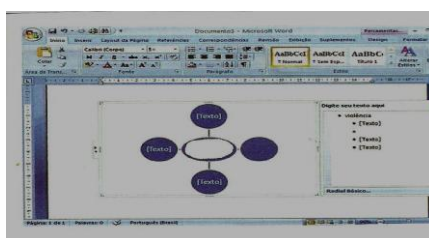


Figura 1- Modelo do gráfico do SmartArt.

Após completar os termos do arquivo “Glossário.doc.”, é necessário inserir os links do texto para a página de Glossários. Para inserir links em palavras do texto, clique na aba “*inserir*”, e, nela, em “*Links*”, conforme a figura 2 abaixo:

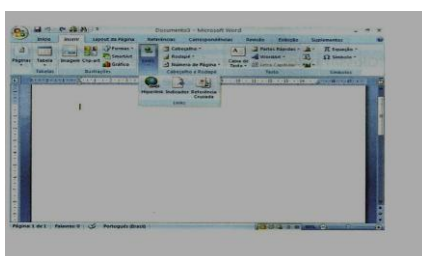


Figura 2- Tela inicial para a inserção de links.

Conforme a figura 3, ao clicar em “*Hiperlink*”, aparecerá a seguinte tela:

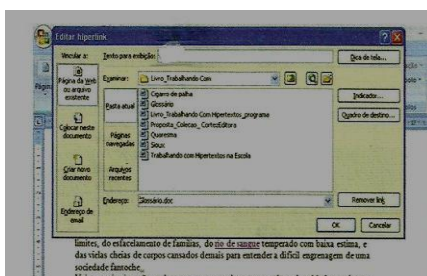


Figura 3- Selecionando o endereço do link.

Por exemplo, poderemos selecionar a palavra “*França*” no texto e ela ser *linkada* ao arquivo “*Glossário.doc*”. É possível *linkar* tantas palavras do texto quanto se desejar ao arquivo “*Glossário.doc*”. Sempre que o aluno clicar numa palavra selecionada, ela abrirá este arquivo do Word; poderá ver o glossário e também ampliá-lo ou, até mesmo, criar novas possibilidades de campos semânticos. Essa atividade⁸ propõe que o aluno complete o campo semântico da palavra “*Crachá*”; ele pode fazer isso da seguinte forma: a) Selecionar a palavra no texto e repetir os itens

⁸ Outra possibilidade de atividade: utilizar um poema e uma crônica e colocar links em elementos de intertextualidade, realçando as relações entre esses dois textos.

mencionados até aqui. Assim, o aluno inserirá links das palavras do texto no diagrama, em seu computador; b) No diagrama, o aluno deve clicar na aba “*Inserir*”, depois em “*Formas*”, e selecionar a forma que desejar, escolhendo o tipo de seta que deseja utilizar. O ideal é que ele preencha seus balões com cores diferentes das do professor, para facilitar a identificação de seu trabalho, conforme a imagem da figura 4:

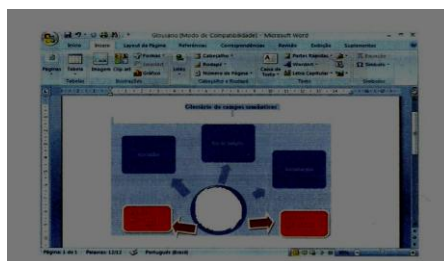


Figura 4- Glossário de campos semânticos, com termos acrescentados pelos alunos (em vermelho).

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa, sob o ponto de vista de seus objetivos, é descritiva pela particularidade de registro e descrição de fatos analisados ao longo do estudo, sem que para isso, o pesquisador interfira nos *fatos linguísticos* observados. Nas palavras de Prodanov e Freitas (2009, p. 63), “nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador”.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, ou seja, a maneira pela qual obtivemos os dados necessários para compor este estudo destaca-se a pesquisa bibliográfica. Sob o ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, pois “preocupa-se mais com o processo do que com o produto” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 81).

Nesse trabalho, partimos de algumas questões norteadoras: Os jovens habituados a navegar na internet desde a infância correm o risco de perder a capacidade de ler? Qual é o perfil cognitivo do leitor da era digital? Em tempos de cibercultura, qual é o papel do mediador de leitura? Com vistas a refletir acerca da formação de leitores na era digital, essa pesquisa se propôs a abordar a especificidade do ato de leitura, com o objetivo de evidenciar que a era digital traz um modo inteiramente novo de ler, distinto do leitor contemplativo da linguagem impressa. Para isso, realizamos o seguinte percurso:

a) Análise e seleção dos principais conceitos que nortearam essa pesquisa, a partir da leitura/consulta de obras dos respectivos autores: Bakhtin (1988/2003) Lévy (2000), Nora (1997), Ramal (2002), Santaella (2004), Rosing (2010), Rettenmaier (2010), Weschenfelder (2003), Gomes (2011), Araújo (2010), Prodanov e Freitas (2009); b) Seleção do gênero discursivo (crônica) e da proposta de atividade hipertextual (a ser posteriormente adaptada), a qual fundamentou-se na obra *Hipertexto no cotidiano escolar* (2011).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi possível observar ao longo do estudo que o hipertexto, como linguagem que representa as transformações comunicacionais e subjetivas de nosso tempo, torna inadmissível um modelo escolar que se mostre obsoleto às novas tecnologias. O mesmo ocorre com o professor: se continuar agindo como um transmissor de conteúdos será substituído por softwares interativos.

Também foi possível constatar que o contato do leitor com a arquitetura hipertextual, desde a mais tenra idade, evidencia uma diferente postura dele em relação ao texto: não de decifrador passivo, mas de um sujeito que reconstrói o texto por meio de sua interpretação. O hipertexto impresso é composto segundo uma lógica de sentidos que pode ser alterada, reescrita e atualizada pelas mãos dos leitores.

Outro aspecto importante constatado foi que os jovens habituados a navegar na internet desde a infância não correm o risco de perder a capacidade de ler, desde que se contemple, ao organizar atividades em prol da leitura e formação do leitor literário, o novo perfil cognitivo desse leitor, caracterizado aqui, como virtual (imersivo).

Por fim, podemos destacar que os profissionais da educação precisam estar aptos a aceitar os desafios das novas tecnologias no ensino de literatura, procurando apreender as peculiaridades das diferentes linguagens utilizadas em cada suporte veiculador dos textos literários.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivou-se evidenciar a especificidade do ato de ler na cibercultura, identificando as características que compõem o perfil cognitivo do novo leitor e a sua relação com os hipertextos. Assim, percebemos que a nova cognição, própria dos nativos da era digital, representa o elemento mais desafiador no contexto social/educacional da atualidade. Entre os aflitos diante desse novo perfil cognitivo dos jovens conectados à rede, está além da família e das gerações anteriores, a escola. Há vários modos de ler e, conseqüentemente, diferentes tipos de leitores que agem de acordo com as habilidades que desenvolvem diante dos estímulos semióticos que recebem. Esse leitor implosionado pela linguagem hipermidiática abandonou a cultura baseada na leitura linear de seqüências fixas.

Não se deve de tudo isso erroneamente concluir que a linguagem hipertextual e o leitor imersivo fazem parte apenas do universo das telas do computador, pois sabemos que a hipertextualidade se faz presente também no livro impresso, com as mesmas características de dinamicidade apresentadas no meio virtual.

Dessa forma, o que deve permanecer, em meio a todas as mudanças que virão, é aquilo que chamamos de leitor imersivo (virtual). Mesmo que as interfaces e as formas de linguagem mudem, ele continuará existindo, pois “navegar” significa “movimento”, e esse jovem anuncia uma nova dinâmica mental entre as mudanças que já estão em curso e as que deverão ocorrer no futuro. A especificidade do ato de ler clama por diferentes perspectivas que contemplem a aprendizagem em um mundo de navegação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alcione. *Cala a boca e me beija*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DI LUCCIO, Flávia; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Hipertexto, blogs e leitores escritores*. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; RETTENMAIER, Miguel. *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: ed. 34, 2000.

NORA, Dominique. *La conquista del ciberespacio*. Barcelona: Editorial Andrés-Bello, 1997.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C; *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Coord.). *Questões de literatura na tela*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

RETTENMAIER, Miguel. *(Hiper) Mediação leitora: do blog ao livro*. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. 1. ed. São Paulo: Global, 2009.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. *Do livro ao CD-ROM: novas navegações*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antônio Chelini. São Paulo: Cultrix, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. *Leitura em tempos de cibercultura*. In: _____. *Práticas leitoras para uma cibercivilização: vivências interdisciplinares e multimídiais de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003.